

Elites locais e suas bases sociais na América Portuguesa: uma tentativa de aplicação das *social network analysis*.

Élites locales y sus bases sociales en la América Portuguesa: una tentativa de
aplicación de las análisis de redes sociales.

Tiago Luís Gil*

Resumo: As análises de redes sociais (*social network analysis*) foram desenvolvidas para o estudo das relações existentes entre os agentes, de forma a demonstrar com maior clareza as teias que se formam nas interações humanas. Tal metodologia de análise dá especial atenção às conexões sociais, sejam estas de parentesco, amizade, afinidade, ou quaisquer outros tipos indicados pelo pesquisador que, além de definir a qualidade das relações, aponta sua intensidade, baseado em critérios pré-estabelecidos. Para testar esta metodologia, vamos lançar mão de um caso particular, uma parcela da elite da Capitania do Rio Grande de São Pedro, sul da América Portuguesa, em finais do século XVIII. Neste trabalho, identificamos a existência de um “bando” na fronteira sul do Estado do Brasil, com forte atuação no contrabando. A metodologia empregada e o gráfico gerado foram relevantes, não apenas para a testar algumas hipóteses, mas também para a identificação de novos problemas.

Palavras-chave: Análise de redes sociais. Contrabando. Elites.

Resumen: Los análisis de redes sociales (*social network analysis*) fueron desarrollados para el estudio de las relaciones existentes entre los agentes, para demostrar con claridad los vínculos que se forman en las interacciones humanas. Esta metodología de análisis pone especial interés en las conexiones sociales, sean de parentesco, amistad u otras formas indicadas por el investigador que, además de definir la calidad de las relaciones, apunta su intensidad, basado en criterios relevantes. Para evaluar esta metodología, se eligió un caso particular, una parte de la élite de la *Capitania de Rio Grande de São Pedro*, ubicada en el sur de la América Portuguesa, a finales del siglo XVIII. En este estudio, identificamos la existencia de un *bando* en la frontera sur del Estado de Brasil, con fuerte actuación en el contrabando. La metodología empleada y un esquema gráfico generado fueron significativos, no solo para testar algunas hipótesis, pero también para plantear nuevos problemas.

* Professor do Departamento de História da UnB. Coordenador do “Atlas Digital da América Lusa”
[[HTTP://atlas.cliomatica.com](http://atlas.cliomatica.com)]

Palavras-chave: análisis de redes sociales. Contrabando. Élites.

O objetivo deste artigo é propor um experimento que utilize as análises de redes sociais, procedimento teórico e metodológico muito utilizado entre antropólogos e sociólogos, no estudo de fontes do passado. Vamos apresentar a metodologia, discutir um caso em particular e demonstrar algumas possibilidades de trabalho neste campo que tem se revelado muito promissor.

O método

As análises de redes sociais surgiram no final dos anos 60, através dos trabalhos pioneiros de Bott, Mitchell, Boissevain e Barnes. Trata-se de uma metodologia que percebe nas interações humanas o objeto de análise primordial, sem, contudo, dispensar o diálogo com outras metodologias. A preocupação central desta abordagem são os tipos e forma de relacionamentos mantidos pelas unidades de análise (que podem ser pessoas, empresas, cidades, palavras) e como estes laços podem interferir no comportamento e nas escolhas destas unidades. Seu desenvolvimento e difusão parecem estar relacionados à crítica das análises de categorias sociais, a classificação de homens e mulheres em grupos por critérios nem sempre acordes com suas opções e orientações valorativas, como “trabalhadores”, “burgueses”, dentre outras. Esta crítica marcou a sociologia do pós-guerra, particularmente a Inglesa, tendo chegado na história nos anos 1980.¹ (BOISSEVAIN, 1979; MITCHELL, 1974; BARNES, 1969; BOTT, 1976)

Uma parte expressiva do debate sobre redes diz respeito à sua medida, à forma como a rede potencial é efetivamente aproveitada, à intensidade das relações e à sua manutenção no tempo. Estas seriam as formas de classificar os agentes, que permitiriam ao investigador destacar os grupos de forma mais ou menos clara, podendo, assim, dar ênfase ao mediador ou mediadores, aqueles que conectam ambientes diferentes, grupos diversos. Restaria ainda definir o quanto cada grupo é coeso e com qual intensidade. Este tipo de investigação é associado a pesquisas realizadas diretamente com os informantes, muitas vezes através de formulários padronizados e quantificáveis, ou seja, com material empírico especificamente produzido para a pesquisa. Tendo em conta estas circunstâncias, seria possível a aplicação desta metodologia para uma pesquisa em história que tomasse o século XVIII como pano de fundo, sem que exista uma quantidade homogênea de fontes para um mesmo grupo a ser identificado ou sem fontes preparadas exclusivamente para

¹ Para uma apreciação deste debate, ver CERUTTI, 1998.

este fim? A resposta mais direta é “não” (EPSTEIN, 1969; BARNES, 1969; GRANOVETTER, 1973).

Se a possibilidade de adotar a metodologia de análise de redes, tal como fora proposta por Barnes, não parece ser aplicável às fontes do século XVIII, talvez seja interessante aplicá-la ao menos metaforicamente ou, como efetivamente fez Elizabeth Bott, utilizar o conceito sem valer-se de medições precisas, na tentativa de avaliar o impacto dos laços sociais na vida das pessoas. Neste sentido, vamos argumentar pela possibilidade de se aplicar a noção de redes e densidades de redes em uma pesquisa que contemple agentes sociais que viviam no final do século XVIII no sul da América Portuguesa.(BOTT, 1976)

Parte importante do método é a elaboração das matrizes e dos gráficos. Estes gráficos diferem daqueles seriais, mais conhecidos, por não apresentar uma linearidade modulada pelo tempo. Cada matriz, e seu gráfico correspondente, equivalem a um instantâneo de relacionamentos. O gráfico é formado por nódulos (que representam as unidades), linhas (que simbolizam as relações) e setas que indicam os sentidos das ligações. De acordo com o tipo de gráfico utilizado, os desenhos e cores dos nódulos variam, o que também ocorre com o comprimento das linhas, de forma a dar um significado visual ao que foi expresso na matriz pelo pesquisador.

Para a elaboração destes gráficos, existem *softwares* adequados, como o *Cyram Net Miner* e o *Pajek*. O uso de matrizes, associado à representação gráfica feita em computador, pode aparentar uma certa pretensão com a objetividade, algo profundamente simplificador. Todavia, tal metodologia não pretende dar conta da totalidade das relações mas, apenas, apresenta-las de uma forma ordenada e visualmente inteligível para o investigador. Segundo Hanneman:

Una razón para la utilización de técnicas matemáticas y de grafos en el análisis de redes sociales es que permite representar la descripción de una red de manera concisa y sistemática. También posibilita el uso de ordenadores para almacenar y manipular rápidamente la información y de manera más precisa que si se hiciese manualmente. A veces son las reglas y las convenciones las que permiten que nos comuniquemos con claridad.
(HANNEMAN, 2004).

Tal metodologia apresenta-se como uma importante aliada na investigação histórica. Contudo, precisamos ter alguns cuidados para não cair em simplificações. Para Boissevain, as análises de redes sociais não se constituem em uma teoria, ainda que tenham implicações teóricas em sua constituição. Alguns cuidados devem ser tomados, não apenas na representação gráfica, mas, sobretudo na montagem das matrizes e na atribuição do que

é ou não um relacionamento, bem como das variedades de conexões possíveis em determinado contexto. O fato de dois sujeitos se conhecerem é diferente de uma amizade e provoca comportamentos muito distintos. Segundo Daniel Santili, em seu estudo sobre o compadrio em Quilmes, entre 1780 e 1840, as relações de parentesco, por exemplo, devem ser matizadas:

También podemos comprobar otros lazos que asumen rasgos de parentesco como la alianza por matrimonio o el parentesco ritual establecido por el compadrazgo. Este tipo de ligamento se produce con cierto grado de elección. Pero además podemos comprobar la existencia de otro tipo de lazos más allá de la genealogía y el casamiento, como los que son visibles a través de los escritos elaborados ante los estrados judiciales, que implican un compromiso de las partes en su relación entre ellos y hacia fuera, o en los contratos comerciales. En los dos primeros casos, con matices, estamos en presencia de la comprobación de la existencia de la red pero no de su funcionamiento o de su funcionalidad para algún objetivo específico, ya que los vínculos de parentesco pueden ser precisamente nada más que eso (SANTILI, 2003).

Semelhante metodologia já vem sendo empregada nos estudos históricos há muitos anos. Podemos citar aqui os recentes trabalhos de Zacharias Moutoukias sobre as redes das elites portenhas entre o final do XVIII e início do XIX, além dos trabalhos de Dedieu. Tal método pode servir para os mais diversos problemas, sendo uma forma alternativa de sua resolução. É importante ressaltar que as *social network analysis* se constituem em um método e não em um campo de estudos. Como salienta Boissevain, citando Sanjek, não se deve fazer estudos de redes, *per se*, mas sim, usar tais contribuições para dar conta de problemas das ciências sociais. Tal método não é uma panacéia para as dificuldades do investigador e deve ser utilizado junto com outras abordagens (MOUTOUKIAS, 1992; DEDIEU, 2008; BOISSEVAIN, 1979).

Uma tentativa de aplicação: o bando de Rafael Pinto Bandeira

Em um relatório de 1784, o Vice-rei Luis de Vasconcelos e Souza dedicava algumas páginas para falar sobre Rafael Pinto Bandeira (que ocupou várias vezes o posto de Governador Interino) e seus negócios na fronteira do Rio Grande: “Contra este oficial tenho tido algumas queixas principalmente de dar auxílio aos contrabandistas que são da sua parcialidade e de quem tira maior interesse, fazendo frente aos mais...” A “parcialidade” de que falava o Vice-rei era algo maior do que certas afinidades e alianças circunstanciais. Não se tratava apenas de fazer vista grossa aos infratores que eram mais chegados. Havia uma “parcela” da população daquela fronteira comprometida com negócios ilícitos, especialmente

de gado e couros, mas que passava por outras atividades ilegais, como assassinatos, extorsões e roubos. O comprometimento de cada membro desta parcela variava de acordo com seu lugar no grupo. Alguns eram apenas espíões ou mensageiros. Outros eram condutores de gado. Outros, ainda, cuidavam de ocultar as provas e, eventualmente, silenciar as testemunhas. Este grupo, essencialmente vinculado ao comando de Rafael Pinto Bandeira, era formado por sujeitos de todos os estratos sociais, num corte vertical daquela sociedade.

No momento em que o Vice-rei Vasconcelos dizia aquelas palavras, o grupo de Rafael já estava bastante consolidado. A guerra de reconquista dos territórios tomados pelos espanhóis fora fundamental para sua ascensão. Rafael Pinto Bandeira poderia ser encarado como o líder de um poderoso “bando”. Bando aqui significa uma organização de pessoas de diferentes estratos sociais, associadas através de diversos vínculos, especialmente parentais e de reciprocidade. Como dissemos, era uma organização vertical dentro da sociedade, englobando desde escravos até os chefes das melhores famílias da terra. Tal formação foi observada em muitos trabalhos, como no caso do Rio de Janeiro, por João Fragoso e ainda por Zacharias Moutoukias, no caso de Buenos Aires (MOUTOUKIAS, 1992; FRAGOSO, 2001).

Ao contrário do que percebemos nos trabalhos referidos, não encontramos a ocorrência de mais de um bando organizado e estabelecido naquela *fronteira*. Não há dúvida de que percebemos várias tentativas de oposição ao grupo de Rafael. Estas foram combatidas na devida ocasião, com demonstração de vigor e força pelo grupo hegemônico. Do mesmo modo, o referido grupo se formou ao longo do período da ocupação espanhola do Rio Grande, em muito baseado na herança deixada pelo pai de Rafael, Francisco Pinto Bandeira, que foi especialmente aperfeiçoada pelos filhos e seus aliados.

Partimos de todas as denúncias de contrabando e outros crimes associados a este para, a partir daí, buscar as relações entre os envolvidos, invadindo os bastidores da vida social que os compunha. Não possuíamos, *a priori*, nenhum acusado. Estes foram aparecendo lentamente conforme a pesquisa ia se desenvolvendo. O resultado revelou ligações parentais na cúpula dos negócios de contrabando, relações de reciprocidade com os peões, soldados e outros homens que agiam nas ações ilícitas e, finalmente, atitudes de violência física e simbólica junto aos inimigos e eventuais concorrentes (GIL, 2007).

O processo de formação do bando incluiu o recrutamento de homens importantes do governo e do Império Português, especialmente através de casamentos. A cooptação de estratos sociais mais baixos, pequenos lavradores, peões de condução de animais e marinheiros, entre outros, era feita a partir de relações de reciprocidade estabelecidas

especialmente em ocupações temporárias, como os embates militares contra os espanhóis (GIL, 2007).

O bando significava para muitos uma alternativa para a ascensão social. Vincular-se ao bando poderia significar acesso às várias formas de contrapartidas oferecidas. Isso não significa, de forma alguma, que tal estrutura contribuísse para a igualdade. Pelo contrário. O bando reproduzia, a sua própria maneira, a desigualdade congênita daquela sociedade, possibilitando o acesso de uns ao que a maioria não possuía. Todavia, tal organização não se pautava apenas na existência de um chefe e seus subordinados. Havia uma organização mais complexa (GIL, 2007).

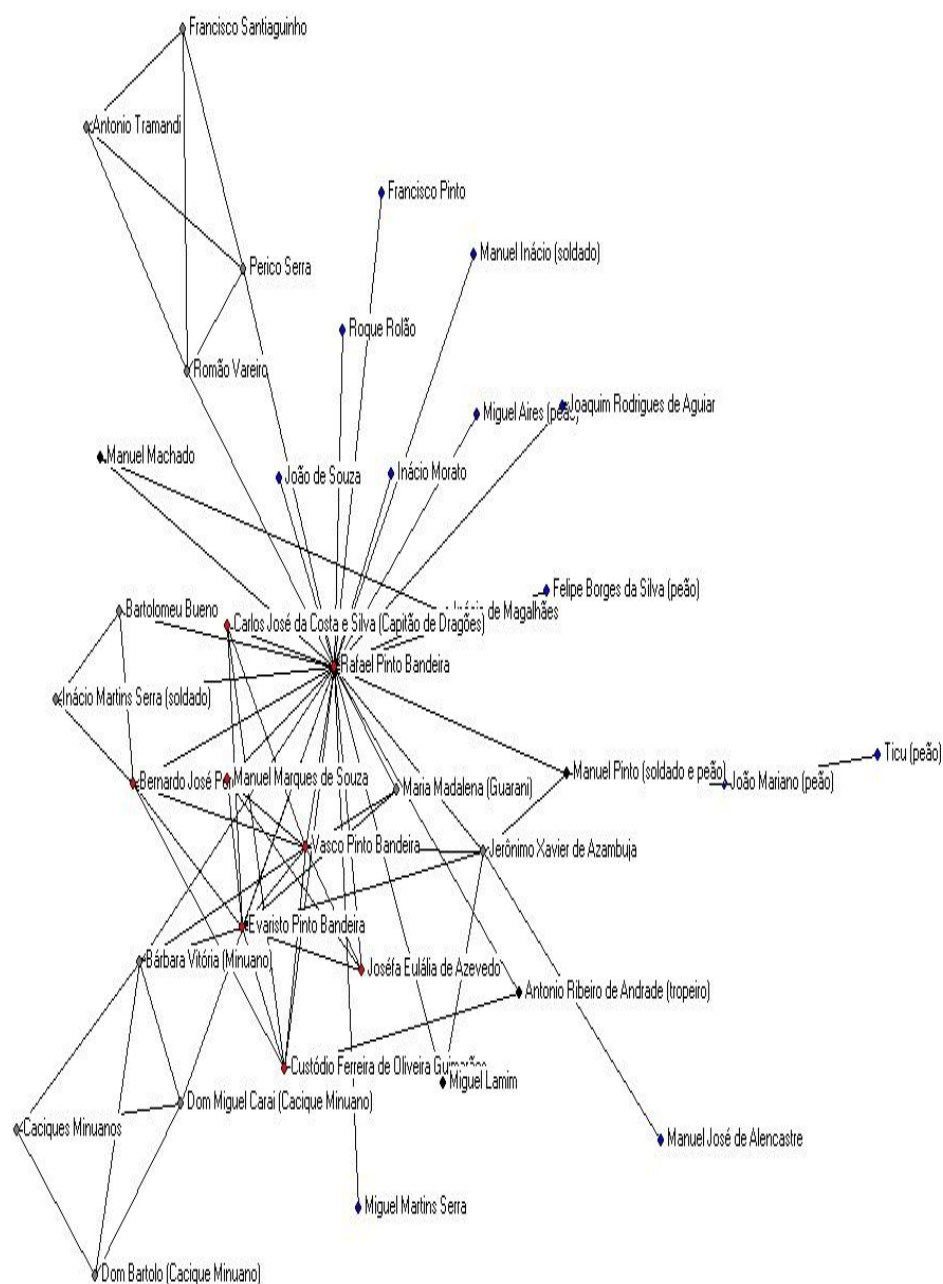
A utilização do método: um caso de rede egocentrada

Com os dados obtidos na investigação, os quais tiveram origem numa diversidade de fontes, listadas ao final deste artigo, construímos duas matrizes. A primeira dava conta dos principais relacionamentos mantidos dentro do bando de Rafael Pinto Bandeira na década de 1770. Na verdade, as fontes para tal matriz datam de 1773, na grande maioria. Tal quadro conta com 37 pessoas, ao todo. A outra matriz procurou dar conta das relações criadas na década de 1780, sendo que os principais documentos utilizados datam de 1784 e 1787. Esta matriz contém 57 agentes.

Um problema evidente é a representatividade desta amostra. Não é possível fazer generalizações com este reduzido número de sujeitos. Todavia, para os problemas que estamos propondo, este recorte nos servirá. Estamos interessados no funcionamento de um “bando” e, para tanto, a reunião do maior número possível de homens e mulheres que estiveram envolvidos com aquele grupo torna-se bastante importante para a pesquisa. Ainda que consideremos todos os problemas empíricos, acreditamos que nossa amostra possa contribuir para o entendimento de alguns problemas identificados, além de gerar outros novos.

Uma vez criada a matriz, rodamos os dados no *software* NetDraw, que desenha redes a partir de matrizes previamente prontas. De forma semelhante a uma tabela que se transforma em gráfico, no *Microsoft Excel*, mas agora com dados relacionais, obtivemos o seguinte resultado:

Gráfico 1



Tendo em consideração a quantidade de relacionamentos mantidos por cada sujeito, o gráfico aponta Rafael com proeminência máxima dentro do grupo. Ainda que o bando também tivesse outros líderes “menores”, como Custódio Ferreira (que era comandante militar do distrito do Caí) ou Felisberto Pinto Bandeira, comandante militar em Triunfo, o destaque principal é quase monopolizado por “chefe”.

Este gráfico pode demonstrar a variedade de relações mantidas por Pinto Bandeira, as muitas formas que ele dispunha para manter seus relacionamentos. A sua estratégia de ação pressupunha a necessidade tanto de relações diádicas, homem a homem, e relações escalonadas, com a existência de vários níveis de intermediação. Rafael poderia tratar diretamente tanto com um capitão como com um soldado ou peão, dependendo tanto da situação como da posição dos sujeitos dentro do bando e dos negócios ilícitos.

Não surpreender um sujeito da elite tratar com seus pares. E ele o fazia com freqüência. O interessante é acompanhar como ele *jogava* com a proximidade, valia-se da interação para garantir a reprodução de sua posição de elite. Estar próximo de soldados e peões era fundamental para manter a posição de líder. O distanciamento poderia demandar intermediários, complicando a busca de Rafael pelo comando. Pelo gráfico acima, podemos perceber que as relações diádicas predominavam frente às escalonadas (que dependiam de intermediários) o que contribui ainda mais para o projeto de Rafael. Este indício fornecido pelo gráfico é confirmado pela documentação que utilizamos. Observamos o amplo interesse do líder do grupo em tratar diretamente com quem convinha.

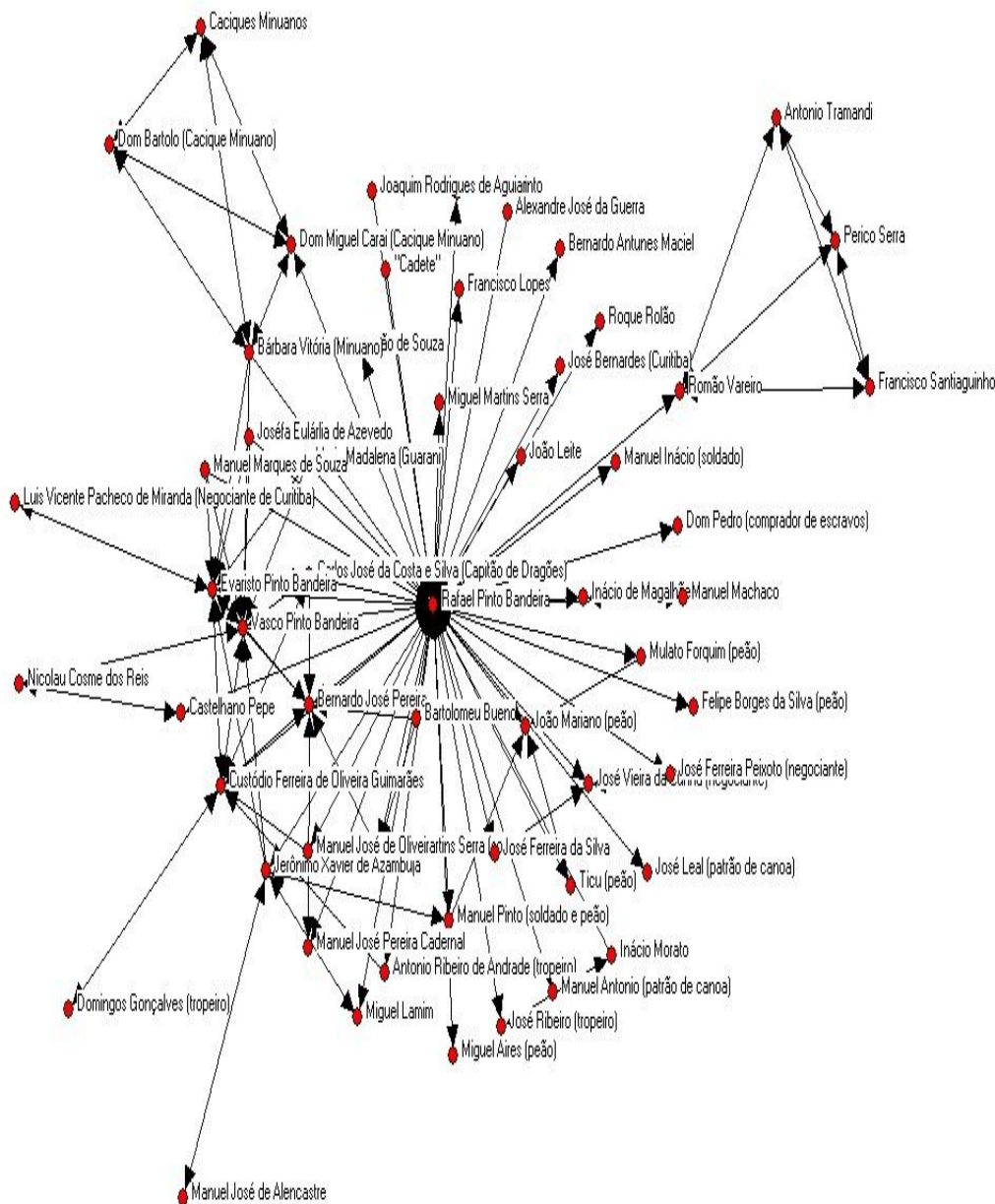
Um instantâneo do *front* das guerras de reconquista de Rio Grande, no final dos anos 1770, pode ser ilustrativo. Pouco antes do ataque a Santa Tecla em 1776, Rafael reuniu todo o corpo militar presente ao acampamento e leu as ordens que haviam chegado de Porto Alegre. Eram ordens que interessavam a todos os combatentes, pois diziam respeito à isenção do quinto sobre os despojos de guerra. Isso poderia significar maiores ganhos para todos na repartição do butim. Rafael leu as ordens e pediu que se empenhassem na luta, já que assim poderiam ganhar mais. Não seria nada espantoso se Rafael utilizasse seus capitães para divulgar a notícia e pedir empenho. Estaria se valendo da hierarquia militar, que, ao que parece, funcionava bem. Diante desta alternativa, e de outras tantas possíveis, ele optou por reunir todos os soldados e falar-lhes pessoalmente. Esta relação, além de ser usada junto aos aparentados e sócios, era desenvolvida junto a alguns dos mais destacados peões de contrabando de Rafael. Era este tipo de relação que permitia a Rafael contar com uma ampla base social, que não apenas lhe dava sustentação política, como também o acompanhava em vários negócios, seja na guerra, nas arreadas ou no contrabando (RMAPRGS: 63).

Ao ressaltar o caráter diálogo do comportamento de Rafael, não estamos querendo afirmar que ele não se valia de relações escalonadas, de intermediários, para seus projetos. O *front* nos dá outro instantâneo das ações do nosso objeto: ao planejar a forma do ataque que faria (e se faria) ao Forte de Santa Tecla, chamou para conferência apenas os capitães, que ali representavam o comando de todos os regimentos presentes no acampamento. Cada um dos capitães sabia com que homens podia contar. Através destes intermediários,

Rafael administrou o comando de todo o corpo militar.

Já na década de 1780, as relações de Rafael haviam se expandido muito, como sugere o gráfico abaixo:

Gráfico 2

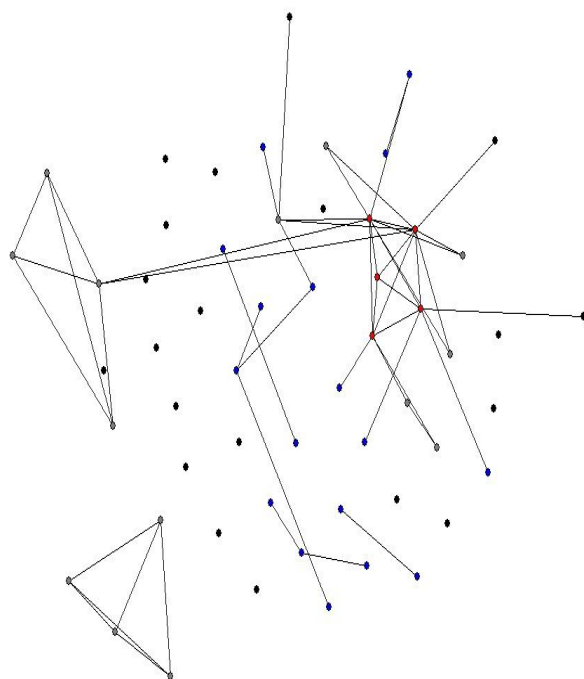
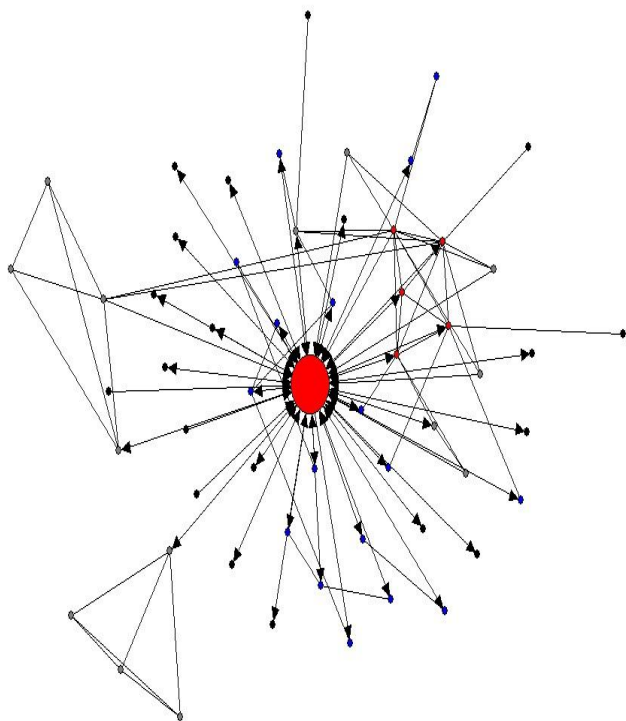


O fato do gráfico ser constituído por cada um dos agentes envolvidos proporciona a possibilidade de verificar as características deste crescimento. Se observarmos com atenção, comparando o gráfico 1 com o 2, perceberemos que os nomes associados ao grupo correspondem, em grande maioria, a quatro tipos de pessoas: familiares, tropeiros de gado (alguns de Curitiba), mercadores da Vila do Rio Grande e peões (com relações de trabalho diversificadas, atuando como condutores de tropa ou “patrões” de canoa e marinheiros) (GIL, 2007).

Este crescimento tem sua razão de ser. Sua detecção é importante e contribui para o entendimento da própria reprodução do bando. O grupo começava a expandir seus negócios em dois ramos que eram cada vez mais promissores: o comércio de animais, na rota Viamão-Curitiba-Sorocaba, e o mercado via Porto de Rio Grande, em direção ao Rio de Janeiro. Uma vez que um dos principais meios de obter recursos extras, a guerra e os seus espólios, havia acabado, nada melhor que diversificar os investimentos, envolvendo uma maior quantidade de “peões” com os quais a cúpula do bando mantinha relações de reciprocidade. Paralelamente, o contrabando, uma das principais fontes de abastecimento deste mercado, percebe um significativo aumento, visível apenas no número de denúncias, que começam a se tornar muito freqüentes, mesmo com o poderio de Rafael para conter sua delação.

Este gráfico nos mostra um grupo mais coeso que o anterior. Ainda que Rafael siga centralizando o grupo, como de fato fazia, as relações entre os demais membros aumentaram muito. Todavia, a importância de Rafael se mantinha muito grande, de tal forma que era basicamente por sua ação que o grupo se mantinha unido. Se subtraíssemos este sujeito, teríamos a seguinte imagem:

Gráfico 3 (imagem com e sem Rafael Pinto Bandeira)

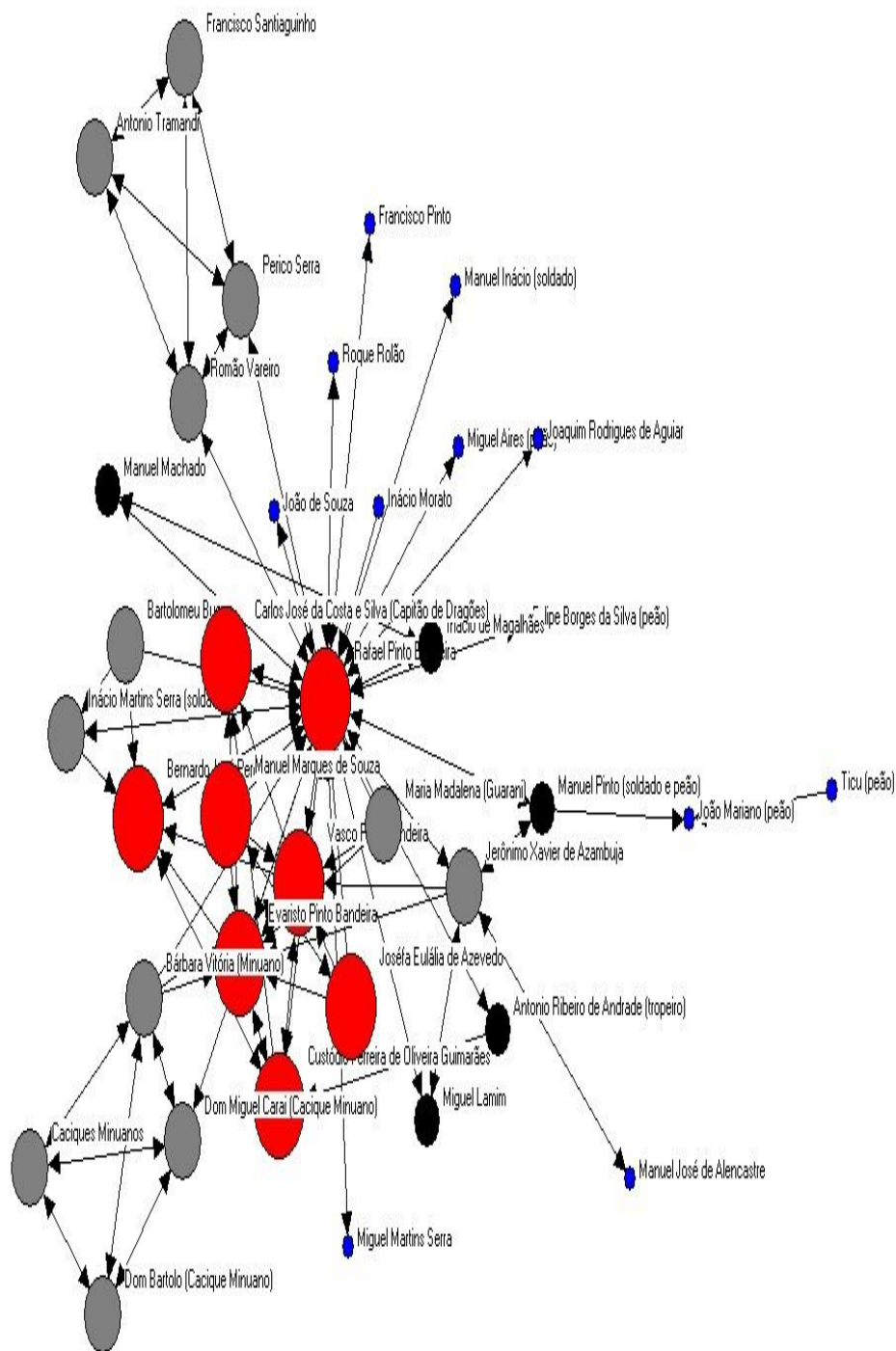


Percebemos que a ausência deste líder impedia a própria manutenção do bando. A análise das fontes já havia nos indicado esta configuração. Não apenas pelo temor público que o nome de Pinto Bandeira causava na população mas, principalmente, pelo que aconteceu após sua morte. Não conseguimos identificar mais a atuação organizada do grupo. Aparentemente, o bando morreu com Rafael. Nos anos seguintes a sua morte, seu primo, Manuel Marques de Souza, acabou lançando mão de outra forma de organização, muito mais expandida e com uma correlação de forças mais equilibrada, que reunia um grande número de estancieiros e militares do Rio Grande do Sul.

É bastante conhecido no debate sobre redes o papel do *broker*, o intermediário que liga diferentes grupos de relacionamento, que une os pontos entre grupos diferentes, então separados pela falta de um agente que os conectasse. Ampla literatura foi dedicada a este assunto, presente nos debates de rede desde os trabalhos pioneiros de Bott e de Barnes. Tendo em conta que os relacionamentos sociais não são homogêneos, ou seja, nem todos conhecem a todos e, aqueles que se conhecem, certamente não o fazem com a mesma intensidade, esta abordagem trata de abstrair a complexidade das relações humanas em grupos claramente definidos, tendo na figura do *broker* uma ponte entre estes grupos. Rafael pode ser encarado como um bem sucedido mediador, ligando grupos de diferentes naturezas e aproveitando os benefícios desta posição (BOTT, 1976; BARNES, 1969, BURT, 2005).

Todavia, ainda no auge do bando e da figura de Rafael, a participação dos irmãos e dos cunhados era fundamental para a reprodução do bando. Ao utilizar um gráfico que apresente nódulos diferenciados, tendo por critério de classificação o número de relacionamento de cada agente, obtemos o seguinte resultado:

Gráfico 5 - Concentração de relacionamentos



Índices de densidade de rede: vermelho - alta; cinza - média; preto - baixa; azul - baixíssima.

Com esta imagem, é possível verificar o peso de cada um na manutenção de laços. Rafael é o que mais mantém, como podemos observar, não apenas pela cor de seu nóculo, mas pela quantidade de setas que o atingem. Logo depois dele, aparecem os irmãos Evaristo e Vasco Pinto Bandeira, juntamente com Custódio Ferreira Guimarães, Bernardo José Pereira e Carlos José da Costa e Silva, cunhados. Também está destacado Manuel Marques de Souza, primo de Rafael e seu herdeiro político. Os destacados em cinza são apenas agentes com menos relacionamentos. Suas relações estão baseadas nos grupos a que estão ligados. Temos dois exemplos bem visíveis. Um deles, no canto inferior direito, corresponde ao grupo indígena minuano. No canto superior esquerdo, temos uma quadrilha de peões que sempre trabalhava junta, fosse no contrabando ou na guerra.

* * *

A aferição do grau de relacionamentos e sua visualização deve ser uma das maiores contribuições deste tipo dos gráficos de redes. Todavia, de um modo geral, pudemos ver como tal artefato metodológico pode contribuir para complexificar a análise e propor novos problemas. Em trabalho anterior, tendo em conta o mesmo caso, mas sem utilizar esta metodologia, não demos a devida atenção às relações diádicas nos relacionamentos de Rafael Pinto Bandeira. Da mesma forma, não tínhamos nos dado conta do equilíbrio de poder entre os cunhados e irmãos, e que estes formassem, junto com Rafael, o “núcleo duro” do grupo. Acreditamos que tal metodologia possa contribuir muito mais para as investigações históricas. O que apresentamos aqui é uma pequena amostra.

Fontes

Anais do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul. Vol. 11. Porto Alegre: AHRS, 1995.

Autos principais do conselho de guerra a que foi submetido o coronel Rafael Pinto Bandeira. IN: **Revista do Museu e Arquivo Público do Rio Grande do Sul**. Nº 23. MAPRGS/Livraria do Globo, 1930.

Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul - Códices da Fazenda Real

F1242, F1243, F1244, F1245. F1246, F1247, F1248 e F1249.

ARQUIVO NACIONAL - Secretaria de Estado do Brasil. Correspondência do Vice-rei com o Rio Grande de São Pedro. Códice 104. Vol.s. 1-15.

Bibliografia

BARNES, J. A. **Networks and Political Process**. In *Social Networks in Urban Situations*:

Analysis of Personel Relationships in Central Africa Towns, edited by J. Clyde MITCHELL. Manchester: The University Press, 1969.

BOISSEVAIN, Jeremy. **Network Analysis: a reappraisal**. *Current Anthropology*. vol. 20. n. 2 (Jun. 1979) 392-394.

BOTT, Elizabeth. *Família e Rede Social. Papéis, Normas E Relacionamentos Externos Em Famílias Urbanas Comuns* Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

BURT, R. **Brokerage and Closure. An introduction to social Capital**. Oxford: Oxford University Press, 2005.

CERUTTI, Simona. "A Construção Das Categorias Sociais." In *Passados Recompuestos*, edited by Jean BOUTIER & Dominique JULIA. Rio de Janeiro: EdUFRJ, 1998.

EPSTEIN, Scarlett. **Personal Capital Formation among the Tolai of New Britain**. In *Capital, Saving and Credit in Peasant Societies. Studies from Asia, Oceania the Caribbean and Middle America*, edited by Raymond FIRTH & B. S. YAMEY, 53-68: George Allen & Unwin Ltd., 1969.

FRAGOSO, João. **A formação da economia colonial no Rio de Janeiro e de sua primeira elite senhorial (séculos XVI e XVII)**. IN: FRAGOSO, João; BICALHO, Maria Fernanda & GOUVÊA, Maria de Fátima. *O Antigo Regime nos Trópicos: a dinâmica imperial portuguesa (séculos XVI-XVIII)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, v. 2001.

GIL, Tiago Luís. **Os infieis Transgressores: os contrabandistas da Fronteira. Rio Grande e Rio Pardo. 1760-1810**. PPGHIS/UFRJ. Dissertação de Mestrado.

GIL, T.. **Infieis transgressores: elites e contrabandistas nas fronteiras do Rio Grande e do Rio Pardo (1760-1810)**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2007.

GINZBURG, Carlo. **O nome e o como: troca desigual e mercado historiográfico**. IN: GINZBURG, Carlo. *A Micro-história e outros ensaios*. Lisboa/Rio de Janeiro: DIFEL/Bertrand Brasil, 1989.

GRANOVETTER, M. S.. The Strength of Weak Ties. *American Journal of Sociology*, 78(06), 1360-1380, (1973).

HAMEISTER, Martha Daisson. **O Continente do Rio Grande de São Pedro: os homens, suas redes de relações e suas mercadorias semoventes**. Rio de Janeiro: PPGHIS - UFRJ, 2002. (Dissertação de Mestrado Inédita).

HANNEMAN, Robert A. **Introducción a los Métodos del Análises de Redes Sociales**. 2001. (<http://revista-redes.rediris.es/webredes/text.htm>) Acessado em junho de 2004.

MITCHELL, J. Clyde. **Social Networks**. *Annual Review of Anthropology*. Vol. 3 (1974), 279 – 299.

MITCHELL (Ed.), **Social Networks in urban situations: Analysis of personel relationships in Central Africa Towns**. Manchester: The University Press.

MOUTOUKIAS, Zacharias. *Redes personales y autoridad colonial. Los comerciantes de Buenos Aires en el Siglo XVIII*. **ANNALES. Histoire, Sciences Sociales**. v. (1992).

OSÓRIO, Helen. **Estancieiros, Lavradores e Comerciantes na Constituição da Estremadura Portuguesa na América. Rio Grande de São Pedro, 1737-1822**. Niterói: CPGH/UFF, 1999. (tese de doutoramento).

SANTILLI, Daniel. **Representación gráfica de redes sociales. Un método de obtención y um ejemplo histórico**. *Mundo Agrário. Revista de estudios rurales*. Universidad Nacional de La Plata, Argentina. Nº 6, primer semestre de 2003.

Recebido em setembro de 2011
Aprovado em novembro de 2011